

CASTELO SIMÕES LOPES - UM DESCASO COM A HISTÓRIA E O DINHEIRO PÚBLICO NA CIDADE DE PELOTAS/RS

CASTLE SIMÕES LOPES - A DISREGARD WITH HISTORY AND PUBLIC MONEY IN PELOTAS/RS

Ariela da Silva Torres ¹

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, email: arielatorres@gmail.com

Miguel Tarouco Bezerra ²

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, email: migltarouco.mtb@hotmail.com

Resumo

Pelotas, cidade localizada no Rio Grande do Sul/Brasil, é uma cidade reconhecida pela qualidade cultural de inúmeros setores, onde o patrimônio histórico está refletido na arquitetura e desta maneira tem notoriedade a nível nacional. A cidade possui inúmeros exemplares arquitetônicos que caracterizam a grande diversidade de edificações históricas e também a força política que a região teve durante o período da alta sociedade local. Como representante de uma época nobre a cidade tem como exemplo o Castelo Simões Lopes. Este se tornou um imóvel tombado de valor estadual, título que deveria garantir a preservação e conservação do local, mas algo que não acontece atualmente, pois se transformou em um espaço urbano ocioso, local de atividades ilícitas e desta maneira descaracterizando sua arquitetura. Em função de sua importância histórica e arquitetônica para a cidade foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho a fim de colaborar com o governo municipal e estadual para que o próximo processo de intervenção desta edificação seja realizado com qualidade e embasamento científico e que assim gere uma longa vida útil para a estrutura do Castelo. O trabalho dividiu-se em duas etapas: primeiro realizou-se um levantamento visual e fotográfico das fachadas, e após análise da etapa anterior a fim de realizar sugestões de intervenção. Ressalta-se também que estes inúmeros processos de restauro já realizados, unindo ao abandono do local tem aumentado drasticamente os valores de reparação, gerando aos cofres públicos exorbitantes gastos que poderiam ter sido evitados, além de criar um ambiente impossível que a sociedade frequente.

Palavras-chave: Prédios históricos. Manifestações patológicas. Estudo de caso.

Abstract

Pelotas is a city situated in the south of Brazil and it is renowned for its cultural activities in many sectors. The city has a nationally recognised heritage, reflected especially in its architecture. Many architectural examples exist that characterize the diversity of historic buildings, which also reflect the political influence that the region had on the whole of the country during the twentieth century. The building called "Simoes Lopes Castle" is an example of this and represents this important historical period of the city. The building belongs to the State of Rio Grande do Sul, which is responsible for of its preservation and conservation. However, at present, the building is in a deteriorated state and abandoned. This degraded architecture attracts illicit activities and has become an urban eyesore. Owing to its historical, political and architectural significance this castle, as it is called, was chosen as case study, to collaborate with municipal and state governments to start an intervention, to recover and maintain this important landmark. The proposed interventions are based on scientific rehabilitation methods and quality measures to prevent decay. The study is divided in two phases. The first phase was a visual and photographic survey of the castle's facades. The second phase included the analysis of the survey data and the development of recommendations for rehabilitation and conservation. The findings indicate that numerous previous restoration efforts could have been avoided if based on scientific conservation practices, public resources could have been saved and the city could have regained a space for public use and enjoyment.

Keywords: Historic Buildings. Building Pathology. Case study.

How to cite this article:

TORRES, Ariela da Silva; BEZERRA, Miguel Tarouco. Castelo Simões Lopes - um descaso com a história e o dinheiro público na cidade de Pelotas/RS. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 129-138, abr./jun.. 2015. ISSN 1980-6809. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8635014>>. Acesso em: 19 out. 2015.

Introdução

Cidade localizada ao sul do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, Pelotas possui importante destaque nas principais etapas que constituem a história do Estado, principalmente no apogeu econômico da produção do charque no século XIX.

Além das belezas naturais que atraem uma diversidade turística, segundo o IPHAN está inserido no local um dos maiores acervos arquitetônico em estilo eclético do Brasil, tanto em quantidade, quanto em qualidade. A riqueza das famílias mais abastadas recebia representação nas rebuscadas e ostentosas fachadas dos casarios, onde praticamente todo o material utilizado era importado da Europa. Através dos catálogos em que se escolhiam uma seleção de adornos e gradis, os moradores de Pelotas tentavam vestir a cidade com o que mais se aproximava das vivências no velho mundo.

Atualmente, além da importância econômica para a região, caracteriza-se um polo educacional, abrigando inclusive um curso de Bacharelado em Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas, que também possui cursos de pós-graduação com ênfase em manifestações patológicas. Este fator deve ser um importante instrumento para uma cidade que cotidianamente luta pela não destruição histórica, pois onde há espaços de discussão e movimentação cultural, há também maior conscientização e fiscalização da população. Contudo, Pelotas é uma cidade reconhecida por alguns investimentos voltados ao patrimônio e pela preservação desses inúmeros prédios que hoje são inventariados e tombados. A Prefeitura é responsável em adquirir algumas edificações nessas situações, na tentativa de requalificá-las e prevenir o agravamento das deteriorações geradas pelo tempo e usos inapropriados. Porém, nem sempre é um ato válido e garantidor da integridade dos imóveis. Um exemplo desta situação é o Castelo Simões Lopes, adquirido por este órgão público, não foi devidamente conservado, encontrando-se na atualidade com um relevante grau de degradação. Este artigo abordará os resultados dessa ausência de conservação, onde muitos dos danos poderiam ser evitados e conseqüentemente o desperdício de gastos no caso de uma futura intervenção, além de uma área que poderia ser utilizada pela sociedade pelotense.

A importância da preservação do Patrimônio cultural

De acordo com Barbosa, Finotti e Souza (2008) o termo Patrimônio Cultural pode ser entendido como o conjunto de bens de interesse para a memória do Brasil e de suas correntes culturais formadoras, abrangendo os

patrimônios: arquitetônico, artístico, bibliográfico, científico, histórico, museológico, paisagístico, entre outros. Dentro deste contexto, engloba as representações, as expressões, os conhecimentos, as técnicas e também os instrumentos, os objetos, os artefatos e os lugares que a eles estão associados; as comunidades, os grupos e, em alguns casos, indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural, e está associado a construção e a acumulação de bens e à sua permanência, no tempo e no espaço, portanto, à História e à sua continuidade e trajetória. São os testemunhos da história e da cultura, produzidos pelos grupos sociais, que permitem conhecer o modo de vida de pessoas que viveram em outras épocas e lugares, em situações diferentes das nossas. Tudo isto nos conscientiza de que fazemos parte de um todo maior, que continua nos dias de hoje e se estenderá para o futuro.

Diversos estudos veem sendo realizados nesta área, pois se a ocorrência de problemas patológicos é grande nos edifícios atuais, é bem maior nos antigos, como no caso do Cine Teatro Central na cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais – Brasil) estudo descrito no trabalho de Barbosa et al (2011), onde os autores realizaram um levantamento das manifestações patológicas da edificação com intuito de colaborar para sua manutenção e conservação.

Outro estudo desenvolvido foi por Pereira (2012) na qual analisou a biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria frente ao processo de bioteteioração, também com a preocupação de preservar o patrimônio de tal cidade. Cortizo et al (2008) aplicou a técnica da termografia para identificação de manifestações patológicas em edificações históricas e neste estudo ele descreve que através desta metodologia foi possível identificar problemas ocultos e assim auxiliar na conservação da edificação. Martins e Rossignolo (2010) realizaram um estudo da deterioração da madeira em edificações históricas e concluíram a importância do acompanhamento da intervenção por técnicos especializados no assunto para que a edificação não sofra danos irreversíveis. Todos estes relatos justificam a importância do tema e também a sua atualidade para colaborar na preservação e conservação das edificações históricas.

Castelo Simões Lopes

Iniciada em 1920 e concluída em 1923, a edificação foi construída por Augusto Simões Lopes (1880-1941), cidadão pelotense e filho do charqueador João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça. Augusto Simões Lopes destacou-se como homem público, ocupando os

cargos de intendente de Pelotas por dois mandatos, de deputado federal, senador e vice-presidente do senado. Fotos de época testemunham que o castelo foi palco de grande atividade política e social. O castelo pertenceu à família do escritor pelotense Simões Lopes Neto, ícone da literatura sul-rio-grandense.

A edificação, construída no centro do terreno, apresenta torres, ameias e terraços, lembrando os antigos castelos medievais. Conforme relato de descendentes, o projeto e a construção foram do arquiteto alemão Fernando Rullmann, mas o proprietário fez inúmeras alterações no decorrer das obras. A estrutura é de cimento armado, uma novidade para a época, e as paredes são em alvenaria de tijolos.

A edificação possui dois pavimentos e porão habitável, que era destinado a adega de vinhos e acomodações para empregados. No térreo havia espaços de convívio e dormitórios, e no pavimento superior encontravam-se os demais dormitórios, banheiros e escritório, com acesso a amplos terraços. O Castelo Simões Lopes teria sido a primeira casa a ter calefação em pelotas, com uma fornalha a carvão e lenha localizada no porão e radiadores em todas as peças.

Após aquisição da Prefeitura Municipal de Pelotas em 1991, o Castelo fez parte de um projeto que o transformou em Casa de Cultura, abrigando vários núcleos importantes desse seguimento e, empregando-o um dos mais adequados usos desde a mudança de proprietários. Em 2000 passou a ser administrado pela Secretaria de Saúde, que o transformou em um Centro de Atenção Psicossocial (Caps). No ano de 2004 o local estava abandonado e após um incêndio teve as instalações elétricas danificadas. O local não recebeu nenhum tipo de manutenção significativa, apenas limpeza do entorno e segundo a Secretaria da Cultura atualmente foi retirado o serviço da guarda municipal que vigiava o local e o protegia da invasão constante de vândalos. Ainda, por toda a importância histórica e até construtiva, o Castelo recebeu através do IPHAE, portaria N° 012/2012 (número de inscrição no Livro Tombo 109 no dia 20/07/2012), tombamento a nível Estadual. Este acontecimento deveria ter garantido a edificação que não ocorresse intervenções desqualificadas e garantisse sua existência, porém, esse fato tem apenas sido instrumento de alerta às diversas instituições públicas e privadas a uma reflexão da importância de preservá-lo e possibilitar o acesso da sociedade através de um uso realmente necessário, sem comprometer à estrutura original.

Metodologia

Este estudo foi dividido da seguinte maneira: justificativa desta análise (exposto no item anterior), levantamento visual e fotográfico das manifestações patológicas das fachadas, diagnósticos e possíveis soluções.

Para análise dos problemas apresentados pela edificação em questão, simplificou-se a metodologia proposta por Lichtenstein (1986). A adaptação fez-se necessária, pois não foi objetivo analisar as propriedades físico-químicas dos materiais, mas sim, a identificação visual dos problemas seguidos do seu diagnóstico. A análise baseou-se em vistorias no local e levantamento fotográfico, para posteriormente serem realizadas sugestões de medidas corretivas e preventivas para os problemas identificados. Acredita-se que estas respostas servirão de subsídios para os órgãos públicos aplicarem as intervenções necessárias para recuperação do Castelo.

Em função da edificação ser de grande porte, e cada uma de suas fachadas ser muito extensa foi elaborado um método de exposição dos resultados de maneira que facilite o entendimento e a organização deste levantamento, que por sua vez ganhou uma convenção tabelada.

Ainda, as extensas fachadas foram divididas em partes e estas examinadas de maneira mais detalhada. Com intuito de facilitar o entendimento do estudo a Figura 1 apresenta uma planta baixa, de autoria dos autores, onde mostra o primeiro pavimento da edificação e a posição das fachadas de acordo com o Norte. As quatro fachadas analisadas são: a frontal (Nordeste), duas laterais (Sudeste e Noroeste) e a posterior (Sudoeste).

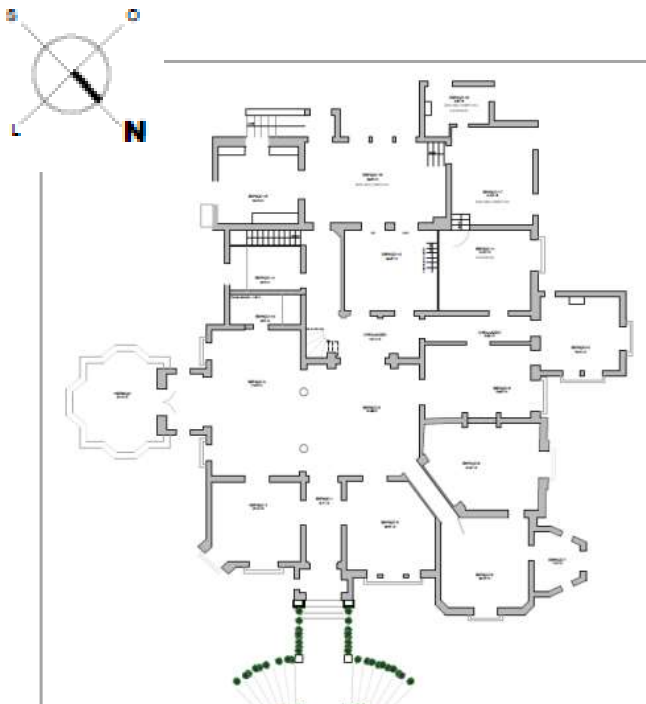
A Tabela 1 descreve a convenção utilizada para identificar as manifestações patológicas encontradas em cada parte das fachadas estudadas. Esta tabela foi criada após uma primeira avaliação visual e desta maneira estabelecidas as manifestações patológicas presentes no local.

Mapeamento – Manifestações Patológicas das Fachadas

As manifestações patológicas podem estar principalmente ligadas à falta de manutenções preventivas na edificação, autores como Verçoza (1991) classificam as origens das “doenças” em determinados grupos como: problemas de projeto; execução; materiais; mau uso e mau planejamento, os atribuindo ainda, valores que os graduam em menores ou maiores geradores de futuros problemas. Estes por suas vezes poderão ser diagnosticados corretamente através de uma

análise que englobe todos os âmbitos da construção, mas com um objetivo mais superficial, a pesquisa ira ater-se na questão da possível economia de gastos públicos, não entrando em todas as prováveis causas originárias, mas sim, partindo dos prejuízos já consolidados.

Figura 1 – Planta baixa da edificação para localização das fachadas estudadas.



Fonte: Autor (dez/2014)

Tabela 1 – Convenções Utilizadas

Convenção	Manifestação Patológica
A1	Descolamento em placas
A2	Desgastes
S1	Fungos e/ou limo
E1	Deterioração de esquadrias
M1	Deterioração de elementos metálicos
F1	Instalações elétricas inadequadas
Fi1	Fissura mapeada
Fi2	Fissura Inclinada
Fe1	Fechamentos inadequados
V1	Vegetação
P1	Perfurações causadas por utilização indevida
D1	Depredação devido ao abandono

Fonte: autores

De uma forma geral, dos cinco grupos de manifestações patológicas apresentados por Verçoza (1991), o Castelo apresenta nesse primeiro momento de análise, incidências de umidade, mas ainda conforme Ioshimoto (1994), além da umidade, problemas com fissuras, trincas e descolamento de revestimento também foram verificados.

Ao realizar a etapa de análise e inspeção do local identificou-se que os revestimentos das fachadas são de

cimento penteado, técnica muito utilizada na época de sua construção. Esta técnica foi bastante difundida no final do século XIX especialmente pela facilidade de manutenção, anulava a necessidade de pintura, a qual possuía tecnologia limitada, sendo basicamente à base de cal e significando qualidade inferior das atuais. O revestimento era produzido a partir da mistura de cimento Portland ou cimento branco, pó de pedra, cal, areia, mica e pigmento; possuindo a pretensão estética da aparentar materiais pétreos, especialmente granitos. A técnica ultimamente encontra-se extinta, estando basicamente presente apenas em restauros de edificações históricas.

Ainda analisando os materiais constituintes da edificação em estudo, o concreto armado foi utilizado como material de sua estrutura principal, tijolos maciços como alvenarias de vedação e esquadrias em persianas de madeira e gradis metálicos.

A primeira fachada a ser descrita sua análise visual é a fachada nordeste, que é a fachada frontal da edificação. A mesma foi dividida em partes para facilitar a identificação das manifestações patológicas encontradas e desta maneira atingir um maior detalhamento do estudo.

A análise da primeira fachada está representada nas Figuras 2, 3 e 4. Nesta fachada foram identificados diversos problemas, entre eles descolamentos em placas (A1), desgastes pelo processo natural pela vida útil dos materiais empregados (A2), processos corrosivos em gradis (M1) e degradação das esquadrias (E1). Também foram encontradas intervenções do tipo instalações elétricas em lugares inadequados (F1). Esta situação se explica pela instalação elétrica original ter sofrido danos e por isso foram instaladas, de forma indevida. Um projeto elétrico precisa ser desenvolvido de forma que atenda as normas de segurança atuais.

Os fungos/limos (S1) identificados na fachada é uma manifestação patológica natural, a formação de manchas escuras em fachadas revestidas com cimento penteado, isso por se tratar de um material poroso, de acordo com Verçoza (1991) essa cor derivada do bolor pode variar também entre branca, avermelhada, esverdeada, etc., e recebe influência do próprio fungo, do tipo de reação química ou devido à deposição dos esporos que são as sementes dos fungos. Vários fatores estão ligados ao seu aparecimento, sendo a absorção de água a principal causadora, ainda a temperatura e as condições que a superfície oferece à nutrição do fungo. Contudo, a limpeza com jatos d'água de pressão moderada é o mais indicado. Não sendo fiel à característica do material a aplicação de qualquer produto que possa impedir o aparecimento das manchas novamente.

Figura 2 – Fachada nordeste – frontal



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 3 – Fachada nordeste – frontal



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 4 – Fachada nordeste – frontal



Fonte: Autor (dez/2014)

Já o aparecimento do limo está diretamente ligado à falta de insolação nas áreas onde aparece. Assim, a umidade é o que contribui para o seu surgimento e alguns estudos

a identificam como grande geradora de manifestações patológicas em edificações antigas, principalmente em Pelotas, por possuir alto índice de umidade. A limpeza

periódica seria o mais aconselhável, seguindo as mesmas sugestões já indicadas para os fungos.

A segunda fachada estudada foi a lateral sudeste, que pode ser identificada na Figura 1, anteriormente apresentada. Esta segunda fachada apresenta manifestações patológicas muito semelhantes à análise anterior, o que pode ser observado nas Figuras 5, 6 e 7. Nesta fachada também foram identificadas diversas manifestações entre elas descolamentos em placas (A1), desgastes pelo processo natural pela vida útil dos materiais empregados (A2), fungos (S1), processos corrosivos em gradis (M1), instalações elétricas em lugares inadequados (F1). Salienta-se muito nesta fachada a depredação por abandono do local (D1), atos de vandalismo são constantes, veem-se inúmeros pontos de pinturas indesejadas e escritas geradas por indivíduos não autorizados à utilização do espaço. A remoção dessas áreas de revestimento prejudicadas é inevitável e posteriormente a aplicação de uma nova cobertura, respeitando a composição original do material, para isso teria que realizar uma recomposição do traço utilizado em laboratório.

O porão, que é habitável, possui diversas aberturas externas, porém pelo uso indevido de pessoas ligadas a atividades ilícitas, foram fechados com alvenaria de tijolos (Fe1). Será necessária a remoção dessas alvenarias e a recolocação das esquadrias originais. Para identificação dos modelos originais será necessário um estudo de registros originais da edificação.

A deterioração das esquadrias (E1) encontram-se em estado bastante agravado. A ação causada pela água na madeira sem tratamento ocasiona este processo, tornando-o um dos elementos mais afetados e explicitando a falta de manutenção do local.

A terceira fachada estudada foi a sudoeste, que está na parte dos fundos do Castelo Simões Lopes. A Figura 8 apresenta o detalhamento do recorte I. Esta foi escolhida por representar todas as manifestações que apareceram neste plano completo.

Nesta fachada foram identificadas diversas manifestações patológicas: desgastes pelo processo natural pela vida útil dos materiais empregados (A2). O desgaste caracteriza as áreas que não chegaram a descolarem-se por forma de placas, porém apresentam uma determinada irregularidade e perda de qualidade no material. Esse desgaste está ligado à exposição às intempéries, absorção de água pela porosidade, falta da devida limpeza e algumas normas indicam a poluição

atmosférica, lembrando que a edificação se localiza em uma via de grande fluxo de veículos. Essa poluição pode afetar tanto o desempenho do revestimento, quanto a durabilidade do mesmo. O reparo pode ser através da retirada das partes mais afetadas (principalmente nos adornos, elementos salientes ao restante da fachada) e aplicação de um novo revestimento, com a mesma composição do produto original.

As fissuras mapeadas (Fi1) aparecem em algumas fachadas (principalmente no plano H), possuem a aparência de linhas bem finas, desenhos irregulares e podem estar ligadas segundo a NBR 13749 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1996), a retração da argamassa, excesso de desempenho ou finos no traço. Para Verçoza (1991) as fissuras em reboco na maioria das vezes afetam apenas a aparência e, ao cessar sua expansão ou retração, não ocorrerá mais esse tipo de fissura.

As fissuras inclinadas (Fi2) aparecem principalmente no entorno das esquadrias, podendo haver uma sobrecarga nestas áreas. Poderá ser utilizado um material com base elastomérica e a colocação de uma tela de poliéster, com revestimento que permita a compatibilização com material original.

Novamente identificou-se a deterioração dos objetos metálicos utilizados, como gradis, também aparecimentos de vegetações, fungos e várias perfurações ao longo da fachada, onde as sugestões de recuperação já foram citadas anteriormente.

A quarta e última fachada foi a noroeste, que está em uma das laterais do Castelo. Salienta-se que esta fachada foi de difícil acesso pelo grande volume de entulho e lixo depositados ao seu redor, e com isso o aparecimento de inúmeros animais. Cabe aqui enfatizar que a urina destes animais acelera o processo corrosivo de portas e gradis em níveis mais baixos.

Nesta fachada lateral, novamente, diversas manifestações patológicas surgiram. Aparecem algumas perfurações (P1) nas fachadas, a maioria para a colocação de cabos de sustentação para vegetações. Por se tratar de elementos originais, já que os jardins eram apreciados pelo primeiro proprietário, necessitando levantamento fotográfico mais detalhado e de épocas anteriores para tal compreensão. Também se observa muita vegetação (V1), há floreiras em todo o entorno do Castelo, inclusive abaixo das janelas, pelo abandono algumas vegetações impróprias foram aparecendo e necessitam ser removidas.

Figura 5 – Fachada sudeste



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 6 – Fachada sudeste



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 7 – Fachada sudeste



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 8 – Fachada sudoeste



Fonte: Autor (dez/2014)

Figura 9 – Fachada noroeste



Fonte: Autor (dez/2014)

Na Figura 9 aparecem deslocamentos em placas (A1). Para Bauer (2010) a causa dessa manifestação está geralmente relacionada à falta de aderência das camadas de revestimento à base. Possivelmente as visíveis falhas das fachadas são originárias da aplicação do cimento em uma superfície lisa sem a camada de chapisco ou, o mesmo executado com areia fina, isso pelo descolamento das placas (endurecidas) sem vestígio de marcas, Verçoza (1991) ainda complementa com a possível utilização de argamassa pobre e tijolos sem porosidade. Ioshimoto (1994) atribui também à ação de agentes agressivos (águas de limpeza), intempéries e expansão do revestimento, já que a última acontece principalmente nas fachadas que recebem maior insolação, podendo a variação térmica ter agravado o ocorrido. Oliveira (2011) salienta que além da dificuldade de limpeza, há também dificuldade no

restauro, necessitando uma análise da técnica de aplicação e composição.

Os gradis e outros elementos metálicos estão presentes nas fachadas do Castelo. É notável o processo de corrosão (E1), sendo necessária uma avaliação mais detalhada para categorizar os que ainda podem ser reparados e reaproveitados, assim como os que precisarão ser substituídos. Em um primeiro diagnóstico, pode-se dizer que o tipo de corrosão é uniforme, por exibir visível perda de massa, assim como a presente camada de óxido de ferro que pouco adere na extensão do perfil. Esse tipo de manifestação ocorre pela exposição direta do aço a um ambiente agressivo, aliada a falta de uma camada protetora. Nas peças menos agredidas, pode-se apenas realizar uma limpeza superficial com jato de areia e renovar a pintura, já nas peças com processo corrosivo mais avançado, como já

sugerido, deve-se optar pela substituição dos elementos danificados.

Tempo + Deterioração x Custos

Do ponto de vista econômico, Helene (1997) ressalta que os custos de intervenção na estrutura, para atingir um certo nível de durabilidade e proteção, crescem exponencialmente quanto mais tarde for essa intervenção e que a evolução desse custo pode ser assimilada ao de uma progressão geométrica de razão 5, conhecida por “Lei dos 5” ou regra de Sitter.

Tal regra baseia-se que as primeiras fases projetuais, quando respeitadas e bem definidas representam um custo ínfimo se comparadas a manutenções corretivas, vemos que os custos da necessária intervenção no Castelo podem ter aumentado cinco vezes mais em relação aos primeiros anos em que a prefeitura deixou de investir em manutenções preventivas, principalmente a partir de 2004. A partir da regra de Sitter onde os custos se comparam a uma progressão geométrica de razão 5, ou seja, o que poderia ter custado \$25,00, atualmente custará \$125,00 e assim por diante segundo a equação $tx = 5^{(x-1)}$. Desta maneira a cada ano que o Castelo Simões Lopes é abandonado e sofre uma intervenção adequada, o seu custo para se obter novamente a beleza de sua edificação sobe e desta maneira cada vez mais caro para os cofres públicos.

Conclusão

Como documentado nos jornais da época, a Prefeitura de Pelotas recebeu a edificação apta à utilização e, em

um primeiro momento tentou gerar um caráter que se agregasse a comunidade, valorizando e abrigando importantes órgãos de cunho cultural. Porém, como vimos a posteriori, foi-se aplicando usos indevidos e deixando-se de investir em qualquer tipo de manutenção, resultando no abandono. Além disso, através da análise de manifestações patológicas, mesmo que apenas externamente, notamos robustez e qualidade construtiva na edificação, isso porque mesmo apresentando os danos do descaso por parte do poder público, a estrutura do Castelo, em concreto, tenta ultrapassar as barreiras do tempo se conservando praticamente intacta, já que parte da cobertura, por ser mais suscetível não obteve o mesmo êxito.

Talvez este e outros episódios envolvendo o mesmo tema, estejam apenas esclarecendo a falta de competência dos governantes em administrar a maioria dos setores que a população necessita e paga cotidianamente. Sabemos que muitos dos profissionais que atuam nos órgãos destinados a conservação do patrimônio histórico lutam em busca das verbas, que por suas vezes não chegarão no tempo desejado ou então nem existirão, onde a aproximação do verdadeiro progresso acaba adquirindo barreiras em meio à burocracia, politicagem e as aquisições públicas desmoronam em meio às ruínas.

Sendo assim, o título de tombamento, que prova a importância da edificação à sociedade e que deveria impulsionar as devidas intervenções ao local, não está apresentando a verdadeira função a qual se propõe – a de conservação.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13749**: revestimento de paredes e tetos de argamassas inorgânicas – especificação. Rio de Janeiro, 1996.
- BARBOSA, M.T. et al. Patologias de Edifícios Históricos Tombados -Estudo de Caso – Cine Teatro Central. **ARQUITEXTOS**. 128.05 ano 11, jan. 2011. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3720>. Acesso em: 17 ago. 2015.
- BARBOSA, Maria Teresa; FINOTTI, Marzio H.; SOUZA, Vicente C. Patologias de Edifícios Históricos Tombados de Propriedade da Administração Pública. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE ESTRUTURAS, **Anais...**Aveiro, Portugal, 2008.
- BAUER, Roberto José Falcão. **Falhas em revestimentos**. In: L. A. Falcão Bauer. (Org.). Materiais de construção. 5ed., Rio de Janeiro: LTC, 2010, v. 2, p. 903-945.
- CORTIZO, E. et al. Estado da arte da termografia. **FORUM PATRIMÔNIO: ambiente construído e patrimônio sustentável**. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mai/ago. 2008. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/97/89. Acesso em: 16 ago. 2015.

HELENE, Paulo. Vida Útil de Estruturas de Concreto. In: CONGRESSO IBERO AMERICANO DE PATOLOGIA DAS CONSTRUÇÕES, 4., CONGRESSO DE CONTROLE DA QUALIDADE, 5., 1997, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 1-30.

IOSHIMOTO, Eduardo. **Incidência de Manifestações Patológicas em Edificações Habitacionais**. São Paulo: IPT, 1994.

LICHTENSTEIN, Norberto Blumenfeld. **Patologia das construções**. Boletim Técnico n. 06. São Paulo, USP, 1986.

MARTINS, Sandra Cristina Fernandes; ROSSIGNOLO, João Adriano. – Ultrassom em Madeira: Diagnóstico de Conservação e Prevenção do Patrimônio Rural. **REVISTA COMPLEXUS – INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA ARQUITETURA E DESIGN** – CEUNSP, Salto-SP, ano. 1, n.2, p. 128-142, setembro de 2010. Disponível em: www.engenho.info. Acesso em: 16 ago. 2015.

OLIVEIRA, Mário. **Tecnologia da conservação e da restauração - materiais e estruturas: um roteiro de estudos**. 4th. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2011. 243 p. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/k8tdh/pdf/oliveira-9788523209230.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

PEREIRA, L. M. **Avaliação das patologias e da biodeterioração na biblioteca central da UFSM**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

VERÇOZA, Ênio J. **Patologia das Edificações**. Porto Alegre: Sagra, 1991.

¹ **Ariela da Silva Torres**

Engenheira Civil. Doutora em Engenharia Civil. Professora da FAURB-PROGRAU/UFPEL. Endereço postal: Rua Benjamim Constant 1359, Pelotas, RS, Brasil, CEP 96010020.

² **Miguel Tarouco Bezerra**

Arquiteto e Urbanista. Aluno especial do curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo FAURB/UFPEL. Endereço postal: Rua Benjamim Constant 1359, Pelotas, RS, Brasil, CEP 96010020.